

Turismo no interior de AL triplica e soma R\$ 1,5 bilhão

Levantamento divulgado nesta semana mostra o avanço de 194,2%

O setor turístico no interior de Alagoas registrou um crescimento significativo nos últimos anos, alcançando um movimento de R\$ 1,53 bilhão em 2022.

Os dados são de um levantamento da Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio (Seplag) e indicam um aumento de 55,8% em relação ao ano anterior. Em média, os turistas deixaram R\$ 4,1 milhões por dia na economia local ao longo do período analisado.

A análise da série histórica iniciada em 2015 mostra um crescimento acumulado de 194,2% no Valor Adicionado Bruto (VAB) do turismo no interior. Em 2015, esse indicador era de R\$ 520,1 milhões, enquanto em 2022 atingiu R\$ 1,53 bilhão, evidenciando um avanço expressivo do setor.

Na capital, Maceió, o turismo também cresceu, mas a uma taxa menor. Entre 2015 e 2022, o setor turístico na cidade registrou um aumento de 120%, enquanto no interior o crescimento foi de 194,2%, uma diferença de 74,2 pontos percentuais.

A secretária de Estado do Turismo, Bárbara Braga, atribuiu esse avanço aos investimen-



Setur entregou 5.744 certificados em 35 municípios

tos do governo estadual na interiorização do turismo. Segundo ela, iniciativas como a duplicação de rodovias, melhorias na segurança pública e infraestrutura hospitalar contribuíram para a expansão da atividade econômica nessas regiões.

O setor de serviços também apresentou crescimento no estado.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que o Produ-

to Interno Bruto (PIB) de Alagoas avançou 3,2% em 2022, impulsionado pelas atividades de alojamento e alimentação.

Para Gabriel Cedrim, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis em Alagoas (ABIH-AL), a interiorização do turismo é um dos principais avanços do setor.

Ele destaca que o estado possui um grande potencial turístico além do litoral, incluindo atrações culturais, his-

tóricas e naturais, mas reforça a necessidade de investimentos contínuos em infraestrutura e divulgação.

Novos empreendimentos hoteleiros no interior indicam que o setor privado também tem apostado na expansão da atividade turística. Municípios como Coruripe estão recebendo novos resorts, refletindo a confiança dos investidores no potencial de crescimento do estado.

CORREIO OPINIÃO

O paradoxo do emprego e da informalidade no Brasil

Por Fernando Valente Pimentel*

O Brasil vive uma situação paradoxal. De um lado, registrou-se, em 2024, o recorde de vagas formais e o menor nível de desemprego da série histórica. Mas, de outro, a informalidade teima em persistir em todo o País e, de modo mais acentuado, em alguns bolsões. Sete estados têm mais da metade de sua força de trabalho atuando sem carteira assinada, segundo dados da Pnad Contínua do IBGE. Tal cenário nos leva a refletir sobre o tripé “qualificação, formalidade e produtividade”. São três pilares que, quando desalinhados, criam um desequilíbrio capaz de frear o progresso e o crescimento sustentado.

A informalidade não é um problema exclusivamente brasileiro, mas aqui assume proporções que nos distanciam bastante do mundo desenvolvido. A taxa média dentre os membros OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) varia entre 10% e 15%, beirando a 5% nos países nórdicos. No Brasil, oscila entre 36% e 38%. No Pará, Piauí, Maranhão, Ceará, Amazonas, Bahia e Paraíba, mais de 50% dos trabalhadores estão na informalidade. Até mesmo Santa Catarina, exemplo de desenvolvimento industrial, convive com uma taxa de 25% a 26%, também acima da média das nações ricas. Esse é um desafio que não se resolve apenas com políticas públicas genéricas, mas com ações regionalizadas e sensíveis às particularidades de cada região.

Um dos mitos que precisamos desconstruir é a ideia de que a informalidade é sempre uma escolha. Sim, há, hoje, quem prefira trabalhar por conta própria, seja pela flexibilidade, seja pela falta de atratividade dos empregos formais ou até mesmo pela diminuição da diferença de renda entre o trabalho informal e o formal: conforme dados do IBGE, em 2015 quem tinha carteira assinada ganhava 73% mais do que os que não eram registrados. Em 2024, apenas 31%.

No Rio de Janeiro, por exemplo, fatores como criminalidade e distância do local de trabalho pesam na decisão. Muitos, em todo o nosso país, estão na informalidade por falta de opção. E é aí que entra a qualificação. Sem uma base educacional sólida, que prepare as pessoas para os empregos do presente e do futuro, fica difícil reduzir ampliar o índice de vagas com carteira assinada e, ao mesmo tempo, aumentar a produtividade.

A propósito, a questão da produtividade é crucial. A riqueza de um país não se sustenta sem ganhos

recorrentes nesse quesito. Mas, a informalidade, em muitos casos, é um obstáculo a esses ganhos. Trabalhadores informais tendem a ter menos acesso a treinamentos, tecnologias e condições adequadas para produzir mais e melhor. Isso cria um ciclo vicioso: baixa produtividade gera menos riqueza, que, por sua vez, limita os investimentos em educação e infraestrutura, perpetuando a informalidade. Assim, é preciso refletir se os dados atuais do emprego, como já tivemos em outros momentos, não é um voo de galinha...

A solução, claro, não é simples. Não existe uma “bala de prata” que resolva todos os problemas de uma vez. Porém, há caminhos. Um deles é fortalecer a base industrial, setor que historicamente oferece mais empregos formais e mais bem remunerados. Estados com uma indústria robusta já mostram que essa é uma direção promissora. Outro caminho é pensar em formas flexíveis de trabalho que combinem proteção social e adaptação às necessidades das pessoas. O MEI (Microempreendedor Individual) é um exemplo interessante, pois permite que trabalhadores informais contribuam para a previdência social, ainda que de maneira modesta.

Cabe ponderar, ainda, que o Brasil é plural. Não há solução única para um “continente” com realidades tão diversas. O que funciona no Sul pode não fazer sentido no Nordeste. O que atrai um jovem na capital pode não interessar a um trabalhador rural. Por isso, políticas públicas precisam ser desenhadas com sensibilidade regional e um olhar atento às diferentes formas de trabalho que coexistem no País. Seja um emprego formal, um trabalho autônomo ou uma ocupação temporária, o importante é que todos tenham acesso a condições dignas e oportunidades de crescimento.

Finalmente, o desafio é equilibrar o tripé: “qualificar as pessoas para que possam escolher entre a formalidade e a informalidade sem abrir mão de seus direitos”; “reduzir a informalidade sem engessar a economia”; e “aumentar a produtividade sem perder de vista a diversidade de realidades que compõem o Brasil”. Não é uma tarefa fácil, mas seu enfrentamento é essencial para que promovamos ampla inclusão socioeconômica, crescimento sustentado do PIB e geração massiva de empregos dignos em todas as modalidades hoje existentes.

*Diretor-superintendente e presidente emérito da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit).

Missão Europeia de Ciência e Tecnologia no Piauí

Nesta terça-feira (25), a Missão Europeia de Ciência e Tecnologia no Piauí cumpriu o segundo dia de sua agenda em Parnaíba com uma série de visitas e encontros que reforçaram a cooperação internacional e destacaram o potencial científico e tecnológico do estado. Pela manhã, a delegação europeia conheceu as instalações do Porto Piauí, onde foi recebida pelo presidente da

instituição, Raimundo Nonato Palmeira Dias Júnior, que apresentou as operações e projetos futuros voltados para o desenvolvimento econômico regional.

Em seguida, os representantes visitaram a Zona de Processamento de Exportação (ZPE) de Parnaíba. Durante a visita, o presidente da ZPE, Álvaro Nolletto, e representantes da empresa Green Hydrogen

Park detalharam iniciativas relacionadas à produção sustentável de energia e às oportunidades de investimento na área.

Nolletto destacou que o porto reduz os custos de transporte das empresas que desejam exportar, ressaltando que, atualmente, os produtos são escoados pelos terminais de Itaqui, no Maranhão, ou Pecém, no Ceará. Com a possibilidade de utilizar o Porto

Piauí, os custos logísticos serão reduzidos, beneficiando as operações da ZPE.

À tarde, a comitiva dirigiu-se à Embrapa Meio-Norte, onde conheceu o centro de pesquisa da instituição em Parnaíba. Os visitantes tiveram a oportunidade de interagir com pesquisadores e conhecer projetos inovadores nas áreas de biotecnologia e sustentabilidade.

CUMBURO | CE **TOURDOS | RN** **ECO RESORT DO CABO | PE**

Vila Galé
HOTELS

PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES destinos
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE AQUI

ALAGOAS | AL **MARÉS | BA** **ECO RESORT DE ANGRA | RJ**

WWW.VILAGALE.COM • BRASIL.RESERVAS@VILAGALE.COM • +55 (71) 4040-4999